

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARIA SALETE IANKEVICZ

SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO

**COMO VIVEM AS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE NA
CONTEMPORANEIDADE?**

ERECHIM

2021

MARIA SALETE IANKEVICZ

SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO

**COMO VIVEM AS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE NA
CONTEMPORANEIDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, para a Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS-Campus de Erechim, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador.: Prof. Dr. Maurício Michel Rebello

Professor da disciplina: Douglas Alves

ERECHIM

2021

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Iankevicz, Maria Salete

SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO COMO VIVEM AS PESSOAS DA
TERCEIRA IDADE NA CONTEMPORANEIDADE? / Maria Salete
Iankevicz. -- 2021.

45 f.

Orientador: Maurício Michel Rebello

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais, Erechim, RS, 2021.

1. Solidão. 2. Envelhecimento. 3. Terceira idade. I.
Rebello, Maurício Michel, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARIA SALETE IANKEVICZ

SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO

**COMO VIVEM AS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE NA
CONTEMPORANEIDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, para a Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS-Campus de Erechim, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Mauricio Michel Rebello

Professor da disciplina: Douglas Alves

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 19/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Michel Rebello - UFFS

Orientador

Prof. Dr. Gustavo Giora - UFFS

Avaliador

Prof. Dr. Bernardo Mattes Caprara - UFFS

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pelas oportunidades, força de vontade e coragem para superar todos os desafios, pelos meus pais, minhas filhas, pelos professores e professoras, colegas e um número infinito de familiares e amigos.

Foram muitas experiências e aprendizados, diferentes dos quais eu tinha aprendido na infância, adolescência e o acompanhamento aos estudos das filhas, mas como tudo soma na vida, é uma honra a conclusão da licenciatura a que me dediquei. Esse desafio foi proposto pela filha Carine, que em conversas e contos de outros momentos da vida, contei-lhe da vontade de estudar e que nunca tinha reprovado. Então, me esforcei para que as filhas pudessem estudar e elas concretizaram esse sonho.

Foi graças a tal incentivo que recebi durante esses anos que hoje posso celebrar esse marco na minha vida: a minha formatura ! Gratidão a todos que colaboraram!

Muito obrigada !!

RESUMO

O presente trabalho investiga como a velhice é tratada na literatura sociológica, identifica modelos de vivenciar essa fase da vida, por meio de uma pesquisa de metodologia qualitativa, com aplicação de entrevistas. E, por meio do referencial teórico observa a presença e constância do sentimento de solidão na terceira idade e a importância das políticas públicas como garantia de cidadania e de integração social. Observou que essa sensação pode ser inevitável, em função da característica social do ser humano e por se tratar de um período de mais reclusão por causa dos cuidados com a saúde, principalmente. Além disso, há fatores de falta de identificação entre gerações que fazem os mais velhos se sentirem parcialmente excluídos da vida social. E, somado a isso, esse trabalho também foi realizado em meio a pandemia de Covid-19, que demandou medidas sanitárias de distanciamento social, agravando assim, a sensação de estar só e dificultou a realização das entrevistas. Mesmo por telefone móvel elas foram realizadas e pôde-se perceber a preocupação com o comportamento das gerações mais jovens e o saudosismo quanto a períodos já vividos.

Palavras-chave: Envelhecimento. Solidão. Políticas Públicas. Terceira Idade. Erechim.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO.....	10
2.1 MAS O QUE É SOLIDÃO?.....	14
3. ENVELHECIMENTO NO BRASIL: DADOS DEMOGRÁFICOS, ACESSO À SAÚDE E À CIDADANIA.....	17
3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: CIDADANIA NA VELHICE	18
3.2 REALIDADE DE ERECHIM E REFLEXOS NO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE „„„„„.....	19
4. CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA: COMO VIVEM OS IDOSOS EM ERECHIM?	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6 REFERÊNCIAS.....	37
7 ANEXO A – RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A evolução natural do ser humano, seja física ou psicológica passa por diversas etapas, cada uma com aprendizados distintos, tendendo a garantir maturidade para vivenciar a próxima fase. Isso ocorre desde o nascimento até os últimos anos, na terceira idade, e, portanto, o envelhecimento inicia no mesmo momento do nascimento. Contudo, essa trajetória e o tempo desencadeiam aspectos na aparência, que muitas vezes podem despertar receios com relação aos ciclos da vida, considerando o valor que a sociedade atribui a essa dimensão física do corpo humano. Somado a isso, na aposentadoria há uma tendência a diminuição dos compromissos sociais, do convívio e da interação no sentido de “descansar”, para depois buscar essas interações em uma medida mais adequada às condições atuais da pessoa, seja física, psicoemocional e financeira.

Atualmente, vive-se em um mundo de transformações, em que a tecnologia ocupa cada vez mais um espaço importante nas nossas vidas, em meio ao mundo digital, perde-se a noção dos dias que passam como em um piscar de olhos, bem como, das fases da nossa existência pessoal. Esse cenário contribui para o surgimento de preocupações com o avanço da idade, com potencial de interferir diversas dimensões, como físicas, emocionais, sociais e até econômicas.

Assim, este trabalho de conclusão de curso visa debruçar sobre o tema da velhice como um fator natural e como invenção social, abordando as sociabilidades e investigando a solidão neste período da vida. Trata-se de um assunto contemporâneo, com o crescimento acelerado da população idosa e, por outro lado, em âmbito local, na cidade de Erechim no interior do Rio Grande do Sul, onde essa pesquisa foi desenvolvida, há pouco interesse acadêmico. Assim, conseqüentemente, podem haver falhas nas políticas públicas para atender as pessoas da terceira idade com qualidade, impactando a vida deste público, uma vez que, observa-se situações de fragilidades e necessidades de cuidados especiais, por não terem mais a mobilidade/vitalidade que tinham em outros momentos.

Outro fator importante para realizar este trabalho trata-se das várias discussões, definições e perspectivas sobre os conceitos de idoso, velhice e terceira idade que precisam de maior elucidação e debate. Além disso, torna-se fundamental entender quais são as políticas de proteção e amparo ao idoso e quais políticas públicas são adotadas pelo município de Erechim.

Nesse contexto, considera-se fundamental investigar quais são as políticas públicas mais adequadas para que as pessoas cheguem mais preparadas para viverem a sua velhice com melhor qualidade de vida em seu dia a dia, além de discutir diferentes meios de inclusão do idoso, tanto na família como na sociedade; compreender diferentes experiências e vivências que tendem a fazer parte da terceira idade: momentos de solidão ou de integração social, entender a velhice como uma construção social.

Para atender essas expectativas, optou-se por uma pesquisa teórica bibliográfica de artigos, teses e livros que discutam os conceitos de velhice, idoso e terceira idade nas Ciências Sociais, utilizando referências como o sociólogo Norbert Elias (2001), que indica que o envelhecimento está atrelado aos fatores de distanciamento social, invisibilidade, luto e até abandono.

Ainda, cabe ressaltar que este estudo foi realizado em meio a pandemia provocada pela Covid-19, que demandou medidas de isolamento social para evitar a propagação do Coronavírus, e como os idosos estão incluídos nos grupos de alto risco de mortalidade desta doença, os elementos destacados por Elias podem ser intensificados neste período, considerando os protocolos sanitários adotados e os receios de serem infectados pelo vírus. Dessa forma, a metodologia para entrevistas precisou ser revista, e além da quantidade restrita, foram realizadas também por telefone.

Também por esses motivos, são citados estudos das políticas públicas de proteção e amparo ao idoso, tais como a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso, documentos que visam garantir os direitos sociais dessa população, bem como, promover autonomia, integração e participação ativa na sociedade, assim como das políticas públicas adotadas pelo município de Erechim.

O trabalho se divide em quatro partes, assim distribuídas: após a introdução, aspectos teóricos da solidão e envelhecimento são abordados, com contribuição de

dados demográficos e considerações em relação a políticas públicas de saúde e cidadania, que compõe a terceira parte. Na última, é apresentado o roteiro de entrevista que foi aplicado, contendo treze questões, bem como a análise das respostas e as considerações finais e referências.

2. SOLIDÃO E ENVELHECIMENTO

O envelhecimento, conforme Paço (2016), pode ser abordado em duas perspectivas: coletiva ou demográfica e a individual. A demográfica corresponde como a sociedade enfrenta esta dimensão da vida e, atualmente, é resultante do declínio das taxas de natalidade e do aumento do envelhecimento da população, proporcionando maior expectativa de vida.

Ainda, nesta classificação demográfica, o autor destaca dois tipos de envelhecimento, um que representa a base da pirâmide etária, e outro sobre a aumento da proporção de idosos. Esse cenário desperta algumas preocupações: considerando as projeções dessa população nos próximos anos, que devem aumentar cada vez mais e, por outro lado, diminuir o índice de pessoas em fase de juventude.

Estas tendências conferem pertinência à aferição das variáveis ligadas à qualidade de vida dos idosos e das condições que propiciam bem-estar durante o envelhecimento. A identificação e análise dos fatores relacionados com a qualidade de vida e com o funcionamento emocional e social dos idosos constituem um importante instrumento de caracterização do bem-estar possibilitando a implementação de estratégias e práticas clínicas que promovam o envelhecimento bem-sucedido (PAÇO, 2016, p. 16).

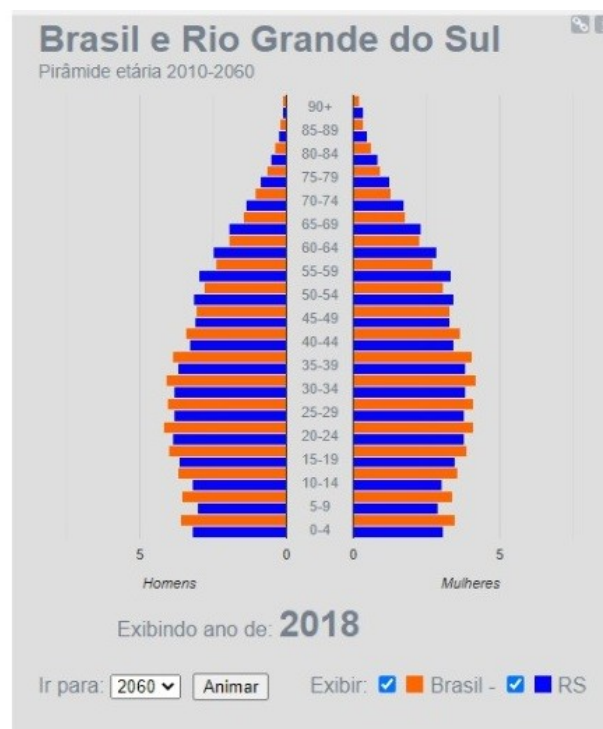
O Brasil encontra-se em um processo de transição demográfica, devido à queda de fecundidade – decorrente de novos fatores sociais e culturais, como aumento da escolaridade, uso de anticoncepcionais, mudanças no mercado de trabalho, etc. – e pela queda da mortalidade em todas as idades.

O país vive um processo intenso de envelhecimento demográfico: a população com 60 anos ou mais de idade passou para 14,2 milhões, em 2000, para 19,6 milhões, em 2010 e estima-se que passará para 41,5 milhões, em 2030, e para 73,5 milhões, em 2060, com baixo crescimento populacional. Nesta faixa etária evidencia-se maior concentração de mulheres, cerca de 80 homens para cada 100 mulheres, pelo fato da maior mortalidade estar entre a população masculina (ERVATTI *et al.*, 2015).

A expectativa de vida também aumentou, mais de 30 anos desde 1940: de 29,0 anos para homens e 30,8 anos para as mulheres, em 1940, para 71,9 anos para os homens e 79,1 anos para as mulheres, em 2015, influenciada pelas baixas mortalidades infantil e adulta, proporcionado pelo tratamento de muitas doenças infecciosas que

acometiam muitas vidas. Desta forma, em poucos anos o Brasil será um país considerado “velho” e isso impõe vários desafios, principalmente, para as políticas públicas, pois diminuirá a população ativa e aumentarão os gastos com a previdência social, além de demandar a necessidade da construção de políticas de proteção ao idoso mais eficientes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2016).

Figura 1 - Projeção da população do Brasil e do Rio Grande do Sul em 2018



Fonte: IBGE (2018)

Paço (2016), observa que, “no envelhecimento demográfico é necessário ter presente as idades que de uma forma consensual”. Desta forma, outros fatores não devem interferir na classificação de idoso, tais como, competências, capacidades, saúde e vivências anteriores. O que interessa é a idade, que para o autor, nesta população representa 65 anos ou mais.

Por outro lado, a perspectiva individual de envelhecimento não se limita a um número que determina quantas “primaveras” a pessoa comemorou, essa dimensão corresponde como cada pessoa enfrenta o processo de envelhecer seja no sentido biológico, as reações fisiológicas conforme o decorrer da vida, também relacionadas aos hábitos e costumes individuais, tais como vícios, alimentação, atividades físicas etc., e

também no sentido biopsicológico, devido às mudanças de sociabilidades, rotinas decorrentes do envelhecimento (PAÇO, 2016).

Neste sentido, quando menos se espera depara-se com os sessenta anos ou mais, continua-se trabalhando, pois, muitas vezes, a aposentadoria é insuficiente, e/ou, então procura-se ajudar os filhos a cuidar dos netos, quando não os criar, levando-os à escola, à outras atividades e cuidando da alimentação e higiene. Quando possível, desfruta-se da aposentadoria com momentos de lazer, passeios, viagens e atividades escolhidas.

Nem sempre essa fase da vida significa o caminho para a morte, como muitas vezes é pressuposto, pois a qualquer hora ela poderá acontecer, para a qual nunca se está preparado e nem se sabe quando chegará. Os idosos, em sua maioria, possuem autonomia até certo momento da vida e nem podem depender tanto dos filhos, os quais estão cada vez mais atarefados com as demandas da sociedade atual.

As constantes transformações mudaram a forma como se percebe o idoso e como o idoso se percebe no mundo. Atualmente, as preocupações estão concentradas na busca econômica, na prosperidade, saúde e, entre outros, nas mudanças tecnológicas, em que, muitas vezes, as pessoas idosas são vistas como atrasadas e desvalorizadas (CUNHA; JUSTINO, 2015).

Diante disso, é fundamental considerar os vários discursos existentes em torno do idoso, da velhice e da terceira idade: o discurso biológico/comportamentalista, bastante usado pela gerontologia, enfatiza a degradação física e as doenças decorrentes da idade, sendo o principal objetivo retardá-las; a perspectiva economicista que se preocupa com o lugar dos idosos na estrutura produtiva; e a perspectiva socioculturalista, onde a velhice é entendida como uma construção social, como um fenômeno natural, como uma pluralidade de experiências que não podem ser definidas por recortes e categorização de idades (SIQUEIRA *et al.*, 2012).

Deste modo, é importante confrontar-se com diferentes tipos de experiências da terceira idade, sendo elas momentos de diferentes sociabilidades ou momentos de solidão em alguns casos. Atualmente, a sociedade demanda situações novas em que o idoso precisa saber lidar com a tecnologia, integrando e interagindo com a mesma sem depender de alguém, para poder se comunicar com seus familiares e amigos.

Contudo, também pode ser um momento em que se sentem muito sozinhos, não tem com quem conversar, estão debilitados fisicamente para poder fazer as atividades necessárias do dia a dia, possuem problemas de memória ou estão acamadas e não conseguem mais viver sozinhos; precisam de alguém que os cuide e lhes faça todos as tarefas e cuidados que um doente precisa ter, já que “a solidão é um tema que está em foco e na ordem do dia, sendo por isso de uma importância relevante, que merece uma preocupação de todos” (PAÇO, 2016). São percepções entre envelhecimento e solidão, porém não são relações diretas.

Somado a isso, ainda há situações em que muitos idosos são colocados em asilos ou casas de repouso e lá são esquecidos pelos familiares, os quais nem sequer vão visitá-los, para ver se estão sendo bem atendidos ou não, e como está a sua saúde. Sendo assim, é preciso entender quais são as políticas públicas para a terceira idade, o que é a velhice e terceira idade e quais são as diferentes experiências: solidão, isolamento, sofrimento, integração ou descontração?

É perceptível que há pessoas pertencentes a terceira idade, ou seja, com mais de sessenta anos e ainda ativas, principalmente no mundo do trabalho e atuando na vida social. Com muita vitalidade, continuam trabalhando, tomando frente de gerenciar, por exemplo indústrias e comércios, e além disso, ainda estão presentes na vida econômica, a partir do recolhimento de impostos, compras, serviços bancários, entre outros. E há realidades em que já estão mais reclusos, descansando em casa e se divertindo ou viajando e fazendo coisas que antes não podiam ou conseguiam. E, com restrições em função da pandemia, várias dessas situações mudaram, complicando a participação em diversas atividades.

E, apesar desses contextos, há muita diversidade no estilo de vida dessa população, pois existem casos em que diminui o convívio social de algumas pessoas, seja pelas condições de saúde ou pela estrutura familiar. No entanto:

Apesar das suas limitações em termos funcionais, isso não pode servir de pretexto para que se excluam os idosos da vida social, pois isso seria remetê-los para situações de completa solidão social, ou para um internamento em instituições de acolhimento, algumas delas desligadas dos processos de participação coletiva, agravando assim os riscos relativos à idade e à vulnerabilidade do estado de saúde, do isolamento social, da solidão propriamente dita, da dependência não só física e mental, como também econômica na maioria dos casos. Acresce o problema da estigmatização seja por discriminação

excludente, seja por preconceitos paternalistas, condescendentes e menorizantes em relação aos chamados “velhos”. (PAÇO, 2016, p. 11 - 12).

2.1 MAS O QUE É SOLIDÃO?

Conforme o professor Ivãnio Lima Martins, que é funcionário público estadual aposentado e municipal (em atividade), palestrante, escritor, presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente de Carazinho (Comdicacar) e Fundador da Organização Não-Governamental Serfo, “não é necessariamente a falta de companhia ou de pessoas que nos deixa na solidão, mas sim quando nos sentimos sós”. Ele nos dá o exemplo de que duas pessoas em situações parecidas podem ter comportamentos diferentes: sendo uma infeliz e a outra sobrevivendo bem. Por isso, a que solidão é mais que estar só, é a insatisfação da pessoa com a vida e consigo mesmo. Nesse contexto, ela não consegue descobrir a riqueza que possui no seu interior, se sente sozinha, tem medos, é insegura e se tranca em casa. E isto em qualquer idade.

O professor relata também que essas pessoas precisam antes de mais nada tomar uma "decisão", enquanto isso não ocorrer, ficarão na mesmice. Mas tomar esse passo pode se tornar difícil, pois haverá mudanças que podem trazer algum desconforto. O medo do novo, do diferente estagna a pessoa, mas se ela pegar uma foto do passado, perceberá que há diferenças significantes em sua vida, desde a juventude, passando por todos os ciclos de vida, até à terceira idade. Portanto, a mudança faz parte da vida e se ela não a fizer, poderá não sair da solidão que pode estar vivenciando.

Paço traz considerações sobre a solidão, enquanto flagelo da atualidade:

A solidão é talvez, um dos maiores flagelos da sociedade atual, que afeta muito em especial a generalidade dos idosos, sendo muitas vezes derivada pelo abandono dos seus familiares. Muitos dos que hoje são idosos e que se encontram sós e abandonados, foram outrora os responsáveis por aqueles que agora não têm qualquer tipo de atitude positiva relativamente ao conforto e à companhia que deviam dar a esses idosos (PAÇO, 2016, p. 12).

O autor afirma que a perspectiva sociológica indica que apesar da característica social do ser humano, ele é livre para escolher conviver, ou não. Por isso, há autores que percebem essa sensação até com autonomia, como uma forma de se conseguir atingir o

descanso, saúde, alegria e até mesmo a liberdade. Afinal, as relações também podem criar certa dependência emocional, seja da vida pública, pessoas ou coisas, levando a uma submissão do indivíduo a esses fatores. E isso tudo independente da faixa etária.

Por isso, Paço (2016) trata a solidão de duas formas, uma estimulada pelo desejo de ficar sozinho, e que não acarreta em se sentir sozinho e, outra provocada por interferências externas ao indivíduo que o leva a situações de vazio ou de sensação que algo está faltando.

Por outro lado, Elias (2001) percebe que o processo da velhice, que pode vincular à morte e, como uma característica única do ser humano, que é consciente do fim da vida, tende levar à solidão. Por isso, para ele, essa fase pode ser compartilhada com os outros até certo limite, pois quando a pessoa perceber que está próxima de morrer, a solidão está configurada. E essa noção de solidão para o sociólogo é bem ampla, pois se manifesta de diferentes formas, uma delas, a partir da exclusão social.

Além disso, Elias (2001) indica que o processo da morte pode ser algo gradual, a partir do adoecimento, com tendência na fase após os sessenta anos:

A fragilidade dessas pessoas é muitas vezes suficiente para separar os que envelhecem dos vivos. Sua decadência os isola. Podem tornar-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil – o isolamento tácito dos velhos e dos moribundos da comunidade dos vivos, o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram afeiçoadas, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança. Os anos de decadência são penosos não só para os que sofrem, mas também para os que são deixados sós. O fato de que, sem que haja especial intensão, o isolamento precoce dos moribundos ocorra com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades. É um testemunho das dificuldades que muitas pessoas têm em identificar-se com os velhos e moribundos (ELIAS, 2001, p. 7)

Neste sentido, o sociólogo percebe que há uma falha na identificação entre as pessoas que sentem e não sentem a dor e o sofrimento, por isso há dificuldade em os jovens terem empatia com essa fase da vida e se colarem no lugar dos mais velhos, por isso, a exclusão social pode ser intensa nesse período.

A resposta à pergunta sobre a natureza da morte muda no curso do desenvolvimento social, correspondendo a estágios. Em cada estágio, também é específica segundo os grupos. Ideias da morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização. Ideias e ritos comuns unem pessoas; no caso de serem divergentes, separam grupos

(...). Claramente não há uma noção, por mais bizarra que seja, na qual as pessoas não estejam preparadas para acreditar de que um dia não existirão mais, desde que lhes dê esperança numa forma de vida eterna (ELIAS, 2001, p. 8).

Para o autor, um dos principais distanciamento dos jovens com a velhice está na dificuldade de perceber o fim da vida, sem interferência religiosa. Por isso, ele indica que a morte deve ser algo discutido, independentemente da idade da pessoa, da proximidade ou não com a morte, até porque esse processo é algo natural e imprevisível, podendo acontecer em qualquer momento da vida. Propõe então, deixar de apresentar a morte como um mistério, por meio de uma análise mais apurada, científica e com rigor conceitual, para assim ela se tornar algo mais palpável e presente em todas as fases da vida, por isso, a alternativa, para Elias é ocultar o silêncio característico em torno desse tema.

3 ENVELHECIMENTO NO BRASIL: DADOS DEMOGRÁFICOS, ACESSO À SAÚDE E À CIDADANIA

As instituições públicas já estão estudando o perfil do envelhecimento das pessoas no Brasil, com dados que preocupam. Pelas estatísticas, no ano de 2030 o número de idosos deve superar o número de crianças e adolescentes de zero aos quatorze anos. Em sete décadas a média de vida aumentou em trinta anos na população brasileira, saindo dos quarenta e cinco anos e quatro meses, em 1940; para setenta e cinco e quatro meses em 2015. Atualmente, temos cerca de 29,3 milhões de pessoas idosas no Brasil, e estas representam 14,3% da população brasileira.

Esse envelhecimento da população vem com impactos importantes na saúde, fazendo com que as políticas públicas, demandem maior importância a organização e atenção da rede de saúde com oferta de cuidados longitudinais. A população idosa, atualmente boa parte dela, é afetada por doenças crônicas não transmissíveis como: diabetes, hipertensão e excesso de peso, especialmente neste tempo em que estamos (con)vivendo com a pandemia.

Segundo o Ministério da Saúde, há 25,1% de pessoas idosas com diabetes, 18,7% são pessoas obesas, 57,1% são pessoas hipertensas e 66,8% são pessoas com excesso de peso, idosos que precisam de atenção e cuidados com a saúde. Com isso o Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil), que faz parte a uma rede internacional de pesquisas longitudinais sobre o envelhecimento, informa dados sobre como a população está envelhecendo e suas principais determinantes sociais e também de saúde.

Essa pesquisa visa trazer subsídios para adequação e construção de novas políticas públicas sólidas à saúde do idoso. O ELSI-Brasil, em seus estudos, relata que 75,3% dos brasileiros idosos dependem dos serviços prestados pelo Sistema Único de Saúde. Nos últimos doze meses, o número de idosos que realizaram pelo menos uma consulta médica chega aos 83,1%, e foram hospitalizados uma ou mais vezes. Nessa população, quase 70% possuem algum tipo ou mais de doenças crônicas, sendo elas: diabetes, hipertensão ou artrite.

3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS: CIDADANIA NA VELHICE

A Política Nacional do Idoso surgiu em 1994¹, com o conceito de que o processo de envelhecimento é um assunto de interesse e respeito da sociedade de maneira geral, por isso, deve estar entre os conhecimentos de todos. Nesse cenário, o dever de garantir os direitos da cidadania, é da família, sociedade e do Estado, visando proporcionar uma vida mais digna, com bem-estar e, sobretudo, com direito à vida.

Ainda, há a indicação de observar fatores que interferem na maneira como os idosos vivenciam esse momento, tais como, as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano presentes no extenso território brasileiro.

No ano de 2003 foi instituído o Estatuto do Idoso², visando regular e assegurar direitos às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, no Brasil. O documento, traz uma série de direitos da pessoa idosa para garantir acesso, oportunidades e facilidades de atuação na sociedade, bem como, preservação da saúde física e mental. Além disso, também determina medidas de aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Com isso, o Estatuto indica que é uma responsabilidade compartilhada entre família, comunidade, sociedade e poder Público, para garantir direitos básicos à vida, saúde, alimentação, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho. Visando assim, possibilitar que essa população seja cidadã, tenha autonomia, liberdade, dignidade, respeito e, principalmente, convivência familiar e comunitária.

Segundo Lima, Stefen e D'Ascenzi (2018), a definição da política pública envolve cinco elementos: (i) processual: que se refere às questões organizacionais de tomadas de decisão, estratégias, etc., (ii) finalidade: que tem como objetivo a resolução de problemas interpretados como sociais, (iii) questão substantiva: considerando que elas também têm orientações carregadas de valores, ideias e visões de mundo, (iv) interação e conflito entre os atores: em função da realocação de recursos sociais, (v) transformação da ordem local: que orienta a ação social.

¹Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf

²Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.html

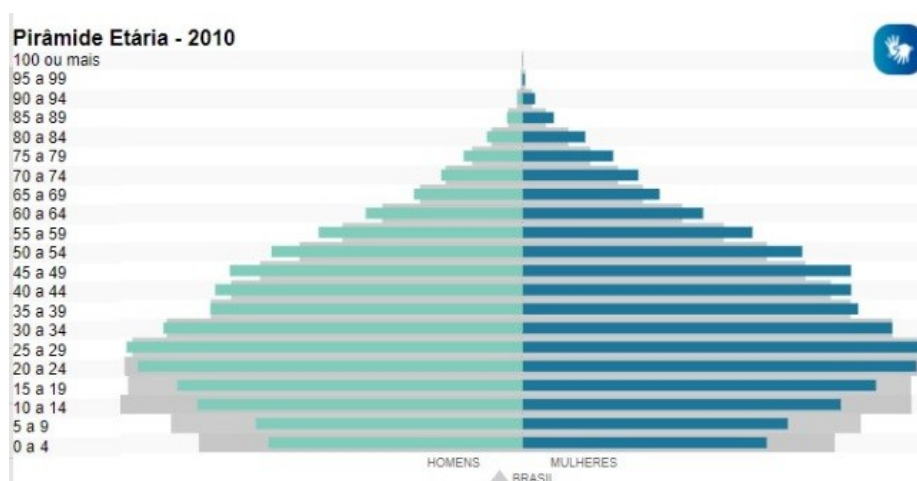
Neste sentido, elas se materializam em três níveis que se relacionam entre si: plano, programa e projetos. O primeiro insere em um campo macro, mais geral, que delimita a estrutura da intervenção, definindo seus objetivos e mitiga-os. Os programas, situam-se como instrumento do plano para atingir seus objetivos. Já os projetos dão corpo ao programa, correspondendo as menores unidades de ação, que representam a operacionalização das atividades previstas para cumprir o objetivo da política pública.

Desta forma, as políticas públicas são instrumentos criados para atuar nas dimensões que compõe a esfera pública, oportunizando melhores condições de vida para o público-alvo. Na cidade de Erechim, há inúmeros projetos que visam a integração dos idosos, por meio de ações de convívio social, de aperfeiçoamento, além dos esforços dos setores de Saúde para proporcionar mais qualidade de vida.

3.2 REALIDADE DE ERECHIM E REFLEXOS NO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE

Com dados do IBGE - Censo 2010, a população idosa de Erechim (considerando maiores de 60 anos), era de pouco mais de 12 mil pessoas, numa população total de 96 mil e 87 habitantes.

Figura 2 - Pirâmide Etária da população de Erechim



Fonte: IBGE (2010)

Cerca de 80% dessas pessoas recebem uma rede de serviços de saúde de equipes de Atenção Básica de Saúde da Família e Estratégia da Saúde da Família, que contam com grupos multiprofissionais com: nutricionistas, fisioterapeutas, psicólogos entre outros, dando suporte a atenção básica de saúde.

A senhora Leda Mendes, coordenadora regional de Saúde da Família e da Saúde da Mulher relata que cada município tem equipes especializadas no atendimento à população idosa, desenvolvendo ações de promoção, prevenção, tratamentos e reabilitações a idosos mais necessitados, com trabalhos de atenção domiciliar por meio de visitas dos agentes comunitários de Saúde, atendimento médico e enfermagem, imunização, atenção individual, rastreamento de câncer de mama e colo uterino, além da atenção na área da saúde mental nas famílias cadastradas, priorizando os idosos e crianças.

Os gestores municipais e estaduais são orientados por um documento elaborado pelo Ministério da Saúde com orientações técnicas a serem implantadas em suas localidades, na linha de cuidado integral com a pessoa idosa, sendo assim, que o profissional de saúde também veja o diagnóstico de vulnerabilidade social do idoso, nível de independência, estilo de vida como: alimentação, prática de exercícios, prevenção de quedas, hábitos de saúde, histórico clínico, isso no Sistema Único de Saúde (SUS).

Na cidade de Erechim, estão cadastrados na Secretaria de Saúde, quatorze mil oitocentos e setenta e três mulheres e onze mil e quinhentos e setenta e cinco homens com idade acima de sessenta anos. Esta mesma secretaria divulgou dados que no período de janeiro a julho foram realizados cento e dez mil e setecentos e dezoito atendimentos nos setores das Unidades Básicas de Saúde, nos Centros especializados, nos cuidados com a saúde mental, atendimentos de ambulâncias e academias de saúde.

Os principais motivos desses atendimentos são: hipertensão, diabetes, transtorno de saúde mental, tais como a depressão, e nessa faixa e idade são acompanhados nove mil duzentos e setenta e dois acamados pelas Unidades Básicas de Saúde.

Segundo a secretaria de Saúde, a expectativa de vida da população aumentou e as pessoas vivem mais, por isso são necessárias ações e serviços de saúde, tanto na prevenção como na assistência; destaca também que o SUS sendo “universal” acolhe as demandas da sociedade, com programas de saúde nas áreas de: fornecimento e assistência farmacêutica para hipertensos e diabéticos, consultas clínicas e especializadas em neurologia, reumatologia, cardiologia e urologia, exames de diagnose e procedimentos cirúrgicos, e que em boa parte são absorvidos pelos serviços de saúde

pública e que a Secretaria precisa estar atenta aos reflexos da sociedade que recaem para o Sistema Único de Saúde.

4 CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA: COMO VIVEM OS IDOSOS EM ERECHIM?

Visando responder a essa questão, além da fundamentação teórica, optou-se pela pesquisa qualitativa, através da realização de entrevistas com o público-alvo do trabalho. Para analisar os aspectos propostos nos objetivos deste trabalho, foram aplicadas entrevistas com respostas descritivas e preservando a identidade dos entrevistados. Em função da pandemia de Covid-19, algumas pessoas receberam questionários com as perguntas por telefone, para responder pelo telefone mesmo, ou como se sentissem melhor.

Sobre a forma e a construção da pesquisa, Rosália Duarte, professora da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, aponta que “Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados.” (2002, p. 140). A pesquisa qualitativa exige que se faça entrevistas estruturadas, que pessoas abordar, seu grupo social, e que tipo de rede a ser usada, a maneira de como será feita. Como base na concepção de Bott, "a rede é definida como todas ou algumas unidades sociais (indivíduos ou grupos) com as quais um indivíduo particular ou um grupo está em contato". (1976, p. 299).

A delimitação de sujeitos a serem entrevistados que irão compor o quadro de entrevistas não é determinado *a priori*, pois depende da qualidade de informação que obteremos.(DUARTE, 2002). Para Dauster (1999), essa análise deve compreender "significados, sistemas simbólicos e de classificação, códigos, práticas, valores, atitudes, ideias e sentimentos" e ainda esse trabalho de campo deve "compreender as redes de significado a partir do ponto de vista 'do outro' , operando com a lógica e não apenas com a sistematização de suas categorias".

Entrevista é trabalho, que exige tempo, esforço e alerta Zaia Brandão (2000): "reclama uma atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, obrigando-o a colocar-se intensamente à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e o conteúdo da fala do entrevistado." p.8. Pode parecer um trabalho simples, relativamente fácil, mas a operacionalização mostrou que é preciso dedicação, em função da realidade de cada entrevistado, precisando contatá-lo várias vezes, visando o relato de suas experiências e

respostas que não são, por diversas vezes, diretas à pergunta realizada. E essa interação acaba gerando uma troca de experiências e grande conversa, gerando expectativas quanto aos resultados da pesquisa.

As perguntas propostas buscaram identificar elementos gerais desse período da vida, a relação com as tecnologias, visitas e reflexões sobre os contextos de juventude e envelhecimento. Foram treze perguntas, listadas a seguir:

- 1) Como o(a) senhor(a) está se sentindo nos tempos atuais como idoso?
- 2) Acha melhor sua velhice ou de seus pais?
- 3) Como chegavam as notícias em comparação aos tempos atuais?
- 4) Lembra de os pais falarem de outras pandemias?
- 5) Acha que os cuidados com essa pandemia são suficientes?
- 6) Qual a principal diferença na criação dos filhos da sua época para agora?
- 7) Acha que a internet faz mais mal ou bem, hoje em dia?
- 8) Qual sua escolaridade?
- 9) Acha que a escola era melhor na sua época, na época dos filhos ou agora?
- 10) Qual o seu contato com a internet?
- 11) Quem lhe ajuda com a internet?
- 12) As visitas eram melhores antigamente ou agora?
- 13) O senhor(a) se acha solitário(a)? Por que?

Em função do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 e por se tratar do público idoso, que tem mais restrições de convívio, visando a prevenção em relação ao vírus, na maioria das situações, as perguntas/entrevistas foram enviadas pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* e apenas duas foram realizadas pessoalmente. As respostas foram recebidas de diferentes formas: uma de forma escrita manualmente e as

outras três recebidas pelo aplicativo, de forma digitada. Assim, 6 entrevistas foram contabilizadas para o trabalho, uma não foi considerada em função da dificuldade de comunicação e escrita em língua alemã de uma das possíveis participantes. Uma outra entrevista realizada via aplicativo não pôde ser considerada pois em função de problemas no celular, se perdeu as respostas recebidas. Em função de algumas dificuldades de comunicação e do isolamento, as primeiras entrevistas foram enviadas em novembro de 2020 e até receber todas as respostas das pessoas que se dispuseram a participar, já se tratava do mês de fevereiro de 2021. Conforme as respostas foram chegando, as mesmas foram sendo digitadas, para facilitar a análise e possíveis conclusões. Um dos colaboradores não respondeu especificamente as perguntas separadamente, fez um relato saudosista e comparativo entre a época de sua infância e a atualidade. Assim, algumas informações específicas como a escolaridade não estarão descritas nas análises. No geral, os convites para responder as entrevistas foram aceitos, e bem recebidos, com vontade de colaborar, por ser uma forma de interação e reconhecimento, em especial no tempo de pandemia. Mesmo com as restrições impostas por esta, receber certa atenção e ver sua experiência valorizada gerou o sentimento de colaboração e satisfação aos entrevistados. Os respondentes não vivem em instituições de longa permanência (asilos, lares, casas de acolhimento, hospitais) e também tem relativa autonomia, por morarem sozinhos, ou em núcleos familiares pequenos, de duas pessoas, contando com suportes pontuais para suas necessidades.

Estavam previstas mais entrevistas, porém, uma das colaboradas não pôde participar em função da sua alfabetização em escola alemã e, por isso, há algumas dificuldades com língua portuguesa escrita, entretanto, ela relatou que neste período de pandemia da Covid-19 está se sentindo mais presa e com medo de se infectar pelo vírus e, como seus parentes moram distante, conta com a ajuda de vizinhos para as tarefas externas, enquanto se protege da doença fazendo isolamento social e de uma cuidadora em parte do dia.

Entre os entrevistados, há uma diversidade de idades na faixa etária de 70 a 80 anos. Na dimensão de gênero, eles se dividem em cinco mulheres e um homem:

Figura 3 - Divisão dos entrevistados por gênero



Fonte: elaborado pela autora (2021)

Há no senso comum a crença de que o envelhecimento seja sinônimo de sabedoria, no entanto, essa sensação não se traduz cientificamente, pois em um mundo de rápidas, e importantes transformações, muitas vezes, a população da terceira idade não consegue acompanhar a dinâmica da vida tecnológica, que pode refletir em um sentimento frustrante.

Somado a isso, Castells (2004) indica que a internet possibilita a ampliação das atividades de lazer e intensificação das relações, na medida que permite a interação entre as pessoas, além de facilitar o acesso ao conhecimento. No cenário em que o idoso não se acostuma com essa realidade, onde a vida também acontece, há uma inclinação para a exclusão social. Por isso, o sentimento de "peixe fora d'água", ou seja, de não se encaixar nas relações atuais.

Na primeira pergunta, que questiona como as pessoas estão se sentindo nos tempos atuais, as respostas foram no sentido de percepção de um pouco mais de respeito, ao mesmo tempo que com receio e medo de todas as diferenças que o mundo passa, em especial em função da tecnologia; e a preocupação com as situações de abuso, desrespeito e maus tratos ao idoso em sua condição de limitação. Percebe-se, para uma

respondente, que o respeito está crescendo, mas ainda há relatos de situações constrangedoras nas relações interpessoais dos idosos. Embora esse trabalho já tenha discutido a solidão na terceira idade, é importante destacar como esse sentimento pode ter se intensificado, em qualquer faixa etária, nesse período pandêmico. Entrevistados reforçam a angústia de viver com medo de uma doença. Sabemos que a situação financeira é determinante para a qualidade de vida em qualquer momento da vida, e a pandemia provocada pela Covid-19, somada às instabilidades econômicas que o país está vivenciando e o desemprego, reflete no cotidiano das pessoas, até mesmo nas medidas de prevenção à infecção pelo vírus causador da doença. Outra colaboradora relata que se envolve em diversas atividades para aproveitar da melhor maneira essa fase da terceira idade, incluindo, contato com ações comunitárias e de lazer.

A segunda questão se tratava de um comparativo entre a própria velhice ou de seus pais e a totalidade dos entrevistados percebeu como melhor a sua em função de ter e receber aposentadoria, mais acesso ao sistema de saúde, transportes e variedade de diversão, seja por ter mais eventos como poder assistir televisão. As diferenças foram citadas e percebidas: a tecnologia não representa apenas a vida digital, as redes sociais e etc., mas também o avanço dos conhecimentos. Esse fator é reconhecido por uma entrevistada ao destacar a melhoria nos serviços de Saúde, na comparação da sua velhice com dos seus antecessores, por meio dos progressos que a ciência conquistou em uma ferramenta mais rápida e eficaz. Na comparação com as perspectivas de qualidade de vida aos idosos hoje, com as de seus pais, outra entrevistada reforça o avanço dos serviços públicos de saúde e, como isso reflete positivamente no bem-estar e segurança de viver a velhice de forma mais confortável. Outros serviços para proporcionar mais qualidade de vida aos idosos, além de assistência em saúde e econômica, mais espaços de lazer, são considerados também.

Outra reflexão vem do relato da entrevistada que reforça a valorização ao trabalho em detrimento do lazer, que considera ser o diferencial da sua geração e, em sua ponderação, é superior ao modo de vida dos tempos atuais. Ela afirma que o esforço de atividades comunitárias é algo relativamente novo na rotina das pessoas idosas, diferente das últimas gerações. Por isso, considera que atualmente, as possibilidades de lazer são mais diversas para essa população.

A terceira pergunta versava sobre como chegavam as notícias em comparativo com os dias atuais: basicamente dependiam do rádio, cartas dos que estavam longe que precisavam ser buscadas no correio e alguns com acesso a jornais e revistas, lembrando que não seriam conteúdos de notícias exclusivamente, mas reportagens e textos, até porque quase nada era instantâneo como hoje. Antigamente usavam o rádio a pilha ou mesmo a bateria. Além dos avanços científicos e, principalmente da Medicina, a Comunicação também se transformou, a informação chega de maneira mais instantânea e há o conhecimento dos fatos diários com mais rapidez, no entanto, a espera evidenciada por veículos como o rádio, jornal e revistas impressas, poderia proporcionar mais calma no momento de consumir as informações, hoje, com a facilidade da internet há a necessidade de estar sempre "por dentro", e em um contexto de afastamento da tecnologia por não entendê-la, também pode reforçar o sentimento de frustração.

Neste pergunta, uma das entrevistadas revela como era a relação e a comunicação nas últimas décadas e, como atualmente o acesso é mais disseminado às notícias de cunho pessoal, ou seja, familiar, pois agora o contato pode ser diário por meio de celulares e aplicativos de mensagens instantâneas e não por cartas, e, de maneira global, com os portais de notícias digitais e telejornais. Novamente, é importante ressaltar que a tecnologia não se restringe ao acesso à internet, podemos perceber a partir desta resposta a importância das transformações, como de mobilidade, para a inserção na vida social.

Na pergunta de número quatro, que questionava se existe a lembrança dos pais falarem de outras pandemias, veio a lembrança de lepra, tifo, gripe espanhola e doenças mais comuns, mas não pandemia em si, também pela dificuldade de comunicação. Há a relação da situação atual de pandemia provocada pelas infecções do Sars-CoV-2, com outros momentos pandêmicos vividos pelas gerações que antecedem os colaboradores. Pelas respostas, podemos perceber que esta é a primeira experiência com medidas de proteção sanitária/isolamento, o que pode incentivar a sensação de solidão e de necessidade de adaptação para se proteger da doença. Uma entrevistada reforça o espaço importante que os veículos de comunicação ocupam com o avanço da tecnologia, com informações recorrentes e, desta forma, proporcionando mais conhecimento aos leitores, ouvintes ou espectadores. Apesar de lembrar vagamente de outras situações sanitárias que envolviam mais cuidado da população, outro entrevistado

destaca só ter vivido intensamente uma pandemia, agora, a partir de 2020. Outras pessoas entrevistadas não lembram de comentários e outros falam de doenças como lepra, varíola e febre amarela.

Na quinta questão, quando perguntadas se os cuidados com a pandemia de Covid-19 são suficientes, a maioria aponta a falta de colaboração das pessoas com o uso de máscaras e a não responsabilidade no sentido de acharem que só os outros vão pegar a doença. Uma entrevistada destaca que ainda é cedo para indicar se são suficientes, mas também reforça a importância do cuidado coletivo para garantir a proteção. Outros colaboradores também apontaram a relação do cuidado coletivo com a proteção de contaminações pelo coronavírus e a eficácia das medidas sanitárias. O respeito e a autoridade, em suas opiniões eram mais valorizados antigamente e, certamente, esses fatores interferiram na maneira como as crianças são e observam a educação, seja para cuidados com pandemia e outras ações e comportamentos. A necessidade de consciência coletiva para prevenção ao novo coronavírus é fundamental. Em certa medida há uma resposta positiva com relação às medidas sanitárias de proteção ao coronavírus, no entanto, ainda há o reforço para o cuidado coletivo e a avaliação de que falta responsabilidade da população. Portanto, uma entrevistada considera que as medidas são satisfatórias, mas falta empenho da população em seguir corretamente as orientações sanitárias.

Na pergunta de número seis, que pedia sobre diferença de criação de filhos, várias opiniões foram expostas, dizendo de muitas diferenças, principalmente ao respeito, rigor e autoridade e ao fato de não “terceirizar” a educação para outros. Por muitas vezes o “olhar” dos pais já “dizia muita coisa” e existia mais respeito, menos consumismo e os filhos obedeciam mais, mesmo os pais sendo semianalfabetos. Embora exista o reconhecimento de que hoje o acesso à informação é mais facilitado, uma entrevistada reforça o valor que a maternidade e a paternidade tinham no momento da sua formação e educação familiar. Contudo, no desenvolvimento, não há em sua resposta exemplos ou motivos pelos quais a autoridade era mais respeitada; demonstrando como os valores e a educação não formal se transformou com o passar dos anos. Para um entrevistado, a falta de respeito é o que mais se destaca na comparação entre gerações. Contudo, isso pode revelar apenas uma maneira diferente de educar com a qual ele estava acostumado. Além de destacar o respeito e autoridade,

assim como os outros entrevistados, uma colaboradora traz para o debate o receio que as relações familiares traziam, exemplificando o “castigo”, presente na educação não formal a qual a entrevistada foi formada. Outro aspecto listado indica uma diminuição no respeito entre entes familiares, e a entrevistada acrescenta como a tecnologia também trouxe alterações financeiras às famílias.

Na pergunta número sete, que avalia o quanto a internet pode fazer mal ou bem, as respostas colocam que tem os dois “lados da moeda”, dizendo que é bom no acesso a informação e agilidade, mas que afastou as pessoas e em especial as crianças deixam de se desenvolver em outras atividades. Onde está o celular, na grande maioria das vezes o diálogo está comprometido. Existe o reconhecimento de que hoje o acesso à informação é mais facilitado, e uma entrevistada reforça o valor que a maternidade e a paternidade tinham no momento da sua formação e educação familiar que hoje é influenciada não só pela internet, como pela televisão e redes sociais. Se por um lado a tecnologia proporciona diversos benefícios, a preocupação com o tempo diário que as crianças dedicam aos computadores e celulares parece estar presente nas considerações. É ressaltado o aumento da agressividade entre a realidade vivida hoje e a de outras épocas. Uma entrevistada pondera pontos positivos e negativos, observa que há um descompasso com o que a internet proporciona e o preparo dos pais sobre os conteúdos que seus filhos estão tendo acesso e como isso pode impactar a educação deles, bem como, reforça a facilidade que as ferramentas tecnológicas trazem ao ensino. Um dos fatores mais relatados é o esvaziamento do convívio após o advento das redes sociais, essa sensação também foi sentida por uma entrevistada, que esboça a falta do diálogo.

Sobre a educação formal, a pergunta número 8 reúne essa informação: duas pessoas completaram a 5º série do antigo ensino primário, duas completaram o ensino superior ou antigo terceiro grau, e uma o ensino médio, antigo secundário. Até pela nomenclatura utilizada, percebe-se a relação de cada um com a escolarização e como era um momento importante para socialização, desde o caminho para a escola quanto a interatividade com todas as pessoas envolvidas e os espaços frequentados. Dependendo da pessoa a quantidade de anos frequentados na escola pode influenciar a reação a situações de solidão e ao envelhecimento, no sentido de conhecer mais pessoas ou não, do tamanho da sua rede de amizades e de saber de possibilidades de ocupar o tempo e a mente, visando uma saúde melhor.

Na pergunta nove, o questionamento é sobre a escola de antigamente e dos dias atuais, no sentido qualitativo. Alguns acham melhor em seu tempo escolar, pois aprendiam valores em casa, a escola alfabetizava e reforçava os valores. Já outros acham que a internet facilitou muito, o que pode ser bom, dependendo da medida; pois é tanta informação, seja útil ou não, que o papel da escola pode ser alterado para uma mediação desses conhecimentos, não necessariamente para o ensino-aprendizagem. E, independente disso, a socialização tão necessária em outras épocas no sentido de sair de casa, hoje pode ter significados um pouco diferentes, mas tão necessários quanto. Percebe-se que as transformações proporcionadas pela internet feriram de forma significativa diversas dimensões da vida social, e, desta forma, a educação. Ainda, a reflexão proposta pela entrevistada indica caminhos às instituições de ensino para aliar a tecnologia com o ensino, sem deixar de lado os valores consistentes da geração que a formou. Algumas respostas podem indicar diversas interpretações, mas se pensarmos na análise de a educação ser melhor agora ou antigamente, podemos refletir se a facilidade também não contribui para uma geração mais acomodada. Para concluir o pensamento sobre educação, um entrevistado traz um fator importante: o “aprender para a vida”, onde é nítido que os currículos mudaram, antes, “tínhamos aprendizados domésticos e técnicos, mas a educação acompanha as transformações sociais, hoje as necessidades são outras e, principalmente, o modo de olhar o ensino formal, também.” Um dos debates apresentados pelos entrevistados é a educação terceirizada, e uma entrevistada ilustra que em sua época a responsabilidade era compartilhada entre a família e a escola, considerando que este modelo é melhor. Se por um lado, a entrevistada se queixa da falta de convívio interpessoal, por outro, ela reconhece os benefícios que a internet trouxe para a construção de conhecimento.

Na décima pergunta, sobre o contato com a internet, dois disseram não ter, pois não saberiam lidar e outros entendem a importância e interação, seja profissional e/ou socialmente. São percebidos potenciais dessa possibilidade de interação com o mundo sem sair de casa, de relações interpessoais e entretenimento visual. Para uma colaboradora, diferente da forma como a tecnologia estava sendo tratada até aqui, percebe-se uma necessidade profissional de se adaptar aos tempos digitais para se manter no mercado de trabalho. Em outra resposta, se observa que, além da dificuldade de adaptação à internet, há também a falta de recursos que possibilitam a participação

ativa da vida tecnológica. Mas, sobretudo, um entrevistado já demonstra uma aversão, não se disponibilizando a aprender a conviver com essas ferramentas tecnológicas.

As novas tecnologias podem gerar medo em pessoas de qualquer idade, conforme Kachar (2002) e Garcia (2001), esses sentimentos podem estar presentes na relação dos idosos com recursos digitais.

Novamente, embora não esteja presente a vida digital na vida da entrevistada, nota-se uma aversão a aprender a utilizar essas ferramentas. Essa questão foi abordada por Castells (2004), na obra em que afirma que o uso da internet ou não na população pode estar diretamente relacionada à situação financeira. Por este motivo, a entrevistada não se nega a algumas ferramentas tecnológicas, mas procura utilizá-las com consciência. Além disso, conforme Santos (2005) os idosos podem sim se interessar pelo uso da internet, para preencher seus dias e estabelecer novas relações.

Na pergunta onze, sobre quem auxilia no uso da internet, alguns entrevistados dizem não receber ajuda, e outros, pelo contato restrito, que só pedem aos filhos o que precisam, e estes em geral atendem as necessidades, em especial se envolvem situações financeiras. Por mais que no início das respostas, uma entrevistada indica um sentimento de angústia, há a curiosidade de se encaixar nos novos modelos de interação, a partir da ajuda de técnicos e pessoas que já estavam em seu convívio antes do advento das redes sociais. Nessa pergunta, pode-se observar a importância da relação familiar para ajudar essa população na inserção às tecnologias que se tornam cada vez mais essenciais nos dias atuais. Outra pessoa afirma que somente quando encontra dificuldades pede ajuda para filha e neta, que normalmente atendem sem muitas restrições. Apenas uma entrevistada citou ajuda técnica, de profissionais reconhecidos para tais atividades.

A pergunta doze, sobre se as visitas eram melhores antigamente ou agora, os respondentes apontaram diferenças que envolvem o transporte: como era mais difícil, durava mais tempo e hoje é mais corrido, seja pelas demais atividades seja por terem automóvel ou outros meios mais rápidos. Alguns entrevistados acham que piorou muito em função do celular, que tira a atenção e que é mais fácil fazer o contato por celular que visitar a pessoa. Para uma entrevistada, o mundo contemporâneo, embora traz diversas facilidades, também afasta as pessoas e, ao estarem juntas, como agora os

encontros são mais fáceis de acontecer a partir da melhoria de mobilidade e deslocamentos, eles acontecem em um ritmo acelerado, para se encaixar nas demandas do dia a dia e, como já não são mais raros, podem ser mais superficiais. Embora a internet seja cada vez mais fundamental, há o relato do distanciamento social que ela proporciona, esvaziando os contatos face a face, tão presente na formação das gerações do século XX. As melhorias nos transportes são evidenciadas como facilitadoras do contato interpessoal. E, antigamente, por serem mais jovens, as pessoas se visitavam mais, fosse a pé ou mesmo de carroça, para conversar, rir, brincar, fazer “serão” ou “filó”, que era quando as pessoas se visitavam e ficavam até altas horas da noite nas casas umas das outras. É possível perceber um perfil saudoso de tempos antigos, da vida antes do excesso de tecnologias, que embora auxilie em diversas dimensões da vida, também traz impactos negativos, como o distanciamento apontado pelos entrevistados.

A última pergunta, se a pessoa se acha solitária e quais motivos, trouxe diversas reflexões e possibilidades de análise. Para os que tem família por perto, não identificaram tanto a solidão, mesmo em tempos de pandemia. Alguns citaram amigos e vizinhos, dando a entender essa relação mínima e necessária em qualquer tempo. Para os que moram sozinhos, o sentimento aflorou mais, talvez junto com medo e preocupação, em função da doença e de não saber como teria assistência no caso de necessitar e alguém perceber. A solidão, tema debatido neste trabalho, mostra-se presente no cotidiano de alguns entrevistados e se agravou neste período pandêmico com a necessidade de distanciamento social.

O papel da família é ressaltado e dos contatos próximos como refúgio à solidão na terceira idade; a família segue sendo uma das principais estruturas para evitar a solidão e, talvez, por esse motivo, um dos entrevistados não observa nas redes sociais uma necessidade de relação com outras pessoas. As três últimas respostas indicam a presença importante da família nos serviços digitais e o cuidado em evitar a solidão neste período da vida. Contudo, há o destaque para o contato interpessoal, mesmo em momentos em que a mobilidade era reduzida a carroças. Percebe-se, pelas respostas, que há contato familiar mesmo que restrito e a busca por convívio social com vizinho ou em atividades comunitárias ameniza o “estar sozinho”, seja fora da pandemia ou mesmo em atividades a distância em função do distanciamento social. Por isso,

podemos destacar que essa sensação nem sempre é algo particular e sim estimulada por contextos que invadem a rotina das pessoas:

A solidão, pode resultar de fatores circunstanciais ou de características pessoais, de cada um, quando se encara as diversas situações problemáticas da vida e a forma como se lida com as adversidades do quotidiano, contribuindo para que se sintam mais ou menos sós, permitindo que a solidão surja com maior ou menor intensidade (PAÇO, 2016, p. 12).

E isto ocorre justamente pela característica do ser humano, que é naturalmente sociável. Entretanto, conforme Paço, há quem se interessa de maneira mais intensa pela relação com o outro e isso dependerá das características que formam o indivíduo, e, por outro lado, há quem já se sinta melhor em sua própria companhia, por isso, é um erro afirmar que “o significado da solidão é o mesmo para todas as pessoas, quando na realidade cada um lhe atribui o seu próprio significado” (PAÇO, 2016).

A população idosa atual é a que acompanhou de perto as diversas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais das últimas décadas. São pessoas que viram os veículos de comunicação mudarem pelo avanço das tecnologias, do rádio aos portais de notícias, da vida sem telefone, dos contatos por cartas para a praticidade do celular, a chegada da televisão, do entretenimento, da internet, da vida a um clique, das relações por aplicativos, da interação à distância.

Foram tantas mudanças, mas o que se acentua é a saudade do cotidiano das últimas décadas. Por isso, a partir das respostas, é possível traçar um perfil saudoso de tempos antigos, da vida antes do excesso de tecnologias, que embora auxilie em diversas dimensões da vida, também traz impactos negativos, como o distanciamento apontado pelos entrevistados.

Ainda, é possível indicar que há um apego ao modelo de vida e aos valores dominantes da sua formação pessoal, durante a infância, juventude e fase adulta, a forma como a Educação, formal em instituições e informal, em espaços não escolares, era observada, com destaque para ensinamentos “para a vida”, que transcendia os conteúdos escolares, na opinião dos entrevistados.

Por mais que haja diversidade nas respostas sobre a tecnologia, percebe-se um interesse em se manter atualizados, como forma de se adequar às inovações

contemporâneas, aos contatos virtuais e, principalmente em situação de pandemia, se aproximar dos familiares. No entanto, há também quem sinta certa angústia, seja por não acompanhar as novidades trazidas pela internet ou com o distanciamento que essas tecnologias causam. Percebe-se uma saudade dos encontros físicos, das conversas face a face, da relação pessoal e não por interferências tecnológicas.

Neste sentido, também se reconhece a relação com os estudos antes das facilidades como o Google, que se limitavam à busca pelo conhecimento por meio de ferramentas físicas, livros e bibliotecas. E, até mesmo a relação que se estabelecia com as pesquisas neste modelo.

Outro fator importante e que se destaca nas respostas, é a relação familiar, muitas vezes encarada como determinante para não sentir solidão neste período da vida. Portanto, evidencia a importância desse contato também para os novos ensinamentos que o mundo virtual solicita dos usuários.

Ainda, há destaques para as atividades comunitárias, como forma de participação na sociedade, de contato com outras pessoas, de preenchimento de rotina e, sobretudo, para aperfeiçoamento. Reconhece-se também os esforços dos setores de Saúde para proporcionar mais qualidade de vida aos idosos.

Contudo, com relação a pandemia provocada pela Covid-19, os entrevistados acreditam que as medidas são satisfatórias, mas falta empenho da população em seguir corretamente as orientações sanitárias e, há quem também espera para observar se foram realmente eficazes, em função do desconhecimento dessa doença, que é nova para todos, inclusive aos cientistas. E, por causa dessas medidas, a sensação de solidão se acentuou em muitos casos, considerando a população em geral, de diferentes idades.

Ainda, pelas respostas, é possível perceber como os programas sociais, por exemplo, o Bolsa Família e o vale-gás, que são mais recentes e não fizeram parte da juventude dos entrevistados, trouxeram mais possibilidades e oportunidades de vida para as pessoas. Por isso, essas políticas são imprescindíveis para a qualidade e bem-estar das pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, que utilizou metodologia qualitativa, por meio de questionários e entrevistas com respostas descritivas, é possível verificar questões que envolvem o envelhecimento na cidade de Erechim, alguns valores que permeiam a consciência dos entrevistados e, sobretudo, a relação deles com o avanço tecnológico.

Ainda, por meio da análise sociológica de conceitos como velhice e solidão, é possível perceber uma relação com esse sentimento em função de algumas restrições físicas, mas não necessariamente numa relação direta entre envelhecimento e solidão. Outras interferências externas estimulam o crescimento da sensação de se sentir sozinho ou até mesmo da falta de identificação com outras fases da vida, como a juventude e a idade adulta. Percebe-se então que muitos fatores influenciam o sentimento de solidão, nas mais variadas faixas etárias.

Outro fator importante que este trabalho revela, é a necessidade de amparo social, principalmente dos setores de saúde e comunitários, por meio de ações que visam a integração entre a população idosa. Por isso, há subsídios para valorizar e, se possível, ampliar os esforços dos poderes públicos em proporcionar mais atividades que visem a socialização e bem-estar social.

Por outro lado, com base nas respostas, para a juventude, talvez seja necessário rever alguns fatores, por exemplo, a vida nas redes sociais, o alto consumo de tecnologias e, sobretudo, a falta de interação presencial pensando num futuro idoso.

Além disso, há uma supervalorização da família como uma das principais dimensões para evitar a sensação de solidão, considerando os baixos índices de natalidade, a estrutura atual de famílias, cada vez mais pequenas, para trabalhos futuros, é possível se preocupar em como a juventude de hoje chegará na sua velhice.

Neste sentido, cabe ressaltar e começar a colocar em prática a orientação do sociólogo Norbert Elias, que indica a discussão sobre a morte em qualquer etapa da vida, distanciando dos preceitos religiosos, mas buscando um debate consciente, com rigor científico, no sentido de desmistificar a morte ligada diretamente à solidão, e percebendo como um acontecimento que faz parte do ser humano, assim como nascer.

Seja pelos conceitos apresentados, bem como pelas respostas aos questionamentos feitos para as pessoas que colaboraram respondendo, percebe-se reflexões a cerca de valores, princípios morais e culturais, bem como algumas situações voltadas às crenças religiosas e econômicas. E uma preocupação com a saúde, seja ela física ou psicológica, envolvendo a satisfação de viver, o lado econômico-financeiro e o bem-estar através da convivência social, seja presencial ou digital, através de aparelhos eletrônicos em função da tecnologia que avança rapidamente nas últimas décadas. Nota-se que solidão e envelhecimento não necessariamente andam juntos, no sentido de que em especial na terceira idade as pessoas parecem poder escolher mais os momentos e ambientes que vão frequentar para se sentirem bem, no que diz respeito a atividades prazerosas e não obrigatórias, como quando se trata de buscar atendimento médico para doenças específicas. Claro, outras limitações também aparecem e precisam receber atenção de forma proporcional, visando evitar problemas e situações desagradáveis desnecessárias.

Portanto, com as informações levantadas, pode-se perceber que na contemporaneidade, as pessoas tem mais opções para viver seu envelhecimento, seja social, cultural ou economicamente. O que antes em geral se limitava a ficar em casa, com a família e na dependência desta, ou em instituições de longa permanência, não tão bem conceituadas como hoje, passa a ser possível morar sozinho, tendo mais acesso a atividades físicas, sociais, culturais, minimamente um melhor acesso a recursos da medicina e a comunicação em geral, proporcionada pela evolução constante da tecnologia. Os desafios ainda são muitos, em especial para essa geração de idosos, que precisou se adaptar a tantas transformações. Fica a curiosidade, de imaginar, como a juventude deste início de século viverá sua velhice, seja pelas tecnologias já presentes, seja pelas transformações que virão e que será necessário adaptar-se.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M A **galáxia da Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2004.

CUNHA, Angely D.; JUSTINO, Flávia. **O Idoso na Contemporaneidade: avanços e desafios das políticas sociais**. IV Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, v. 2, nº 1, 2015. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/cih/trabalhos/TRABALHO_EVO40_MD2_SA10_ID2671_27072015190951.pdf>. Acesso em 12 maio 2021.

ERVATTI, Leila R. et al. **Mudanças no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=293322>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2001.

GARCIA, H. D. **A terceira idade e a Internet: uma questão para o novo milênio**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista. Marília, PR. 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tábua completa da mortalidade para o Brasil – 2015: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Tabuas_Completas_de_Mortalidade/Tabuas_Completas_de_Mortalidade_2015/tabua_de_mortalidade_analise.pdf>. Acesso em 21 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010 - Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/erechim/panorama>>. Acesso em 21 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2018 - Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>>. Acesso em 21 jun. 2021.

KACHAR, V. **A terceira idade e a inclusão digital**. Revista O mundo da saúde, 26(3), p. 376-381. 2002.

LIMA, Luciana Leite; STEFEN, Mariana Willmersdorf, D'ASCENZI, Luciano. **Políticas públicas**. In: LIMA, Luciana Leite. Política pública, gestão urbana e desenvolvimento local. Porto Alegre, Metamorfose, 2018.

PAÇO, Carlos A. B. **Solidão e isolamento na velhice: um estudo realizado na freguesia de Misericórdia em Lisboa**. Dissertação (mestrado em Gerontologia Social) – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016.

SANTOS, L.A. **Tecnologias de informação e comunicação: o e-mail redimensionando as relações sociais de idosos.** Dissertação de Mestrado em Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, Brasil. 2005.

SIQUEIRA, Renata L. et al. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 7 (4): 889-906, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phpid=S141381232002000400021&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 15 jun. 2021.

ANEXO A – Respostas às entrevistas

O.L,72 anos

1) Estou me sentindo um tanto estressada e angustiada devido a rápida evolução e desenfreado progresso em todos os campos do saber humano, fazendo com que a situação do idoso não mais acompanhe a tão rápidas mudanças e isto me deixa meio "peixe fora d'água".

2) Nos aspectos do conforto e diversidade de recursos como a Medicina, os medicamentos, ao meu tempo, é bem melhor servido.

3) Antigamente era basicamente através do rádio, um pouco o jornal e as revistas.

4) Lembro de falarem algo sobre a gripe espanhola; epidemia como o tifo.

5) Difícil opinar. O tempo dirá melhor. Penso que se tomados todos os cuidados por todas a pessoas ajudaria muito.

6) Na minha época os pais exerciam sua autoridade com bastante rigor e eram de modo geral obedecidos e respeitados pelos filhos, apesar de carecerem de maiores informações para tanto.

7) A internet é um recurso extraordinário se usado com discernimento e seriedade. Vai muito do modo como é usado. O fato é que ela vicia muito e distancia o convívio entre as pessoas, principalmente na família.

8) Terceiro grau, História.

9) Sem dúvida a escola de hoje dispõe de muitos recursos e possibilidades. Na minha época, os pais e a escola davam relevância aos costumes e valores culturais, o que penso ser muito bom.

As crianças amavam ir à escola, pois eram das poucas possibilidades de socialização e aquisição de conhecimento fora da família.

Hoje em dia o saber é tão vasto e as possibilidades de aquisição são tão diversas, que à escola caberia ser mais uma coordenadora e sistematizadora desse saber. Nunca

esquecendo que o ser humano carece de valores referenciais firmes como fé, amor, empatia, respeito, honestidade, estima, bem querer, etc.

10) Mais redes sociais e *YouTube*.

11) Pessoas mais próximas e por técnicos.

12) Antigamente as pessoas se permitiam mais tempo para as visitas até porque o deslocamento era mais difícil. As confraternizações eram valorizadas e bem celebradas. Agora é tudo mais corrido.

13) Agora durante a pandemia piorou muito a solidão por causa do isolamento. Antes eu saía fazia trabalhos voluntários e visitas. As pessoas vivem praticamente sozinhas isto é bem preocupante, principalmente na velhice.

L.G.

1) Ainda não sou, mas a sociedade está impondo mais respeito aos idosos. Embora que muitas famílias dependem dos idosos para sobreviverem, e outros tantos, usam os idosos como marionetes para se aproveitarem dos benefícios que os idosos têm, por exemplo, empréstimos bancários.

2) A minha. Hoje os idosos recebem a aposentadoria, tem as Unidades Básicas de Saúde (UBS's) para receber medicamentos e consultas emergenciais.

3) Por cartas escritas e quando iam buscar no correio ou rádio, quando alguém tinha acesso

4) Lembro, falavam do "tifo", as pessoas tinham poucos conhecimentos, porque não tinham tantos meios de comunicação.

5) Seriam se todos colaborassem. Vemos muitas pessoas que não usam máscara, principalmente nas ruas.

6) A autoridade dos pais, agora os pais tem que trabalhar e terceirizam a criação dos filhos e para compensar compram o amor deles com "coisas", e ninguém tem responsabilidade, um deixa pro outro educar.

7) Olha é bem relativo, ela serve para tudo, mas para as crianças, elas estão se viciando demais, pois, trocam todos os brinquedos para ficar na internet.

8) Ensino médio.

9) Eu acho que agora as crianças têm tudo.

10) Tive que aprender e foi no trabalho. Como as demais mulheres, tive que trabalhar para ajudar no sustento da casa e nos estudos da filha, os colegas me ajudaram e me esforcei também para continuar nesse trabalho ou ter que procurar outro.

11) Algumas vezes a minha filha. Sempre que podia me sanava as dúvidas em casa e as vezes até por telefone.

12) Acho que antigamente as pessoas se encontravam, conversavam e agora só pela internet.

13) Não, eu tenho família, vizinho e amigos.

A, R. 78anos

1) Intranquilo, preso. Principalmente agora com essa doença, que não se sabe certo o que é, como se cuidar para não ficar doente, estou me cuidando muito, conforme o que dizem os filhos, inclusive pedem para não sair de casa, que eles trazem o que precisa, tanto comida, como remédios.

2) Mais fácil viver hoje, tem aposentadoria, transporte, diversão.

3) Mãe vinha a cavalo pra cidade e pegava o jornal no Wilk, o bodegueiro. Onde deixava o cavalo, ia no banco, farmácia e mercado, depois pegava o cavalo e voltava pra casa.

4) Lembro um pouco do "sarampo e a varicela".

5) Em partes na educação piorou, não tem aquele respeito que se tinha antigamente, bastava um olhar do pai ou da mãe que nos entendíamos o que tínhamos que fazer. Se vinha visita tínhamos que sentar no chão atrás do fogão a lenha e ficar bem quietos.

- 6) Totalmente diferente. Hoje, ainda pequenos querem mandar com os pais, se estes não são firmes em dar as respostas que lhes são feitas. As palavras "senhor/senhora", quando falados são muito raramente.
- 7) Em partes, na educação piorou, falta de respeito com as pessoas, por qualquer coisa brigam e até se matam.
- 8) Quinta série do antigo primário.
- 9) Na minha época, pois se aprendia para a vida. Hoje me parece que estudam só para passar de ano.
- 10) Não temos internet, mesmo porque eu acho que não iria aprender.
- 11) Ninguém.
- 12) Antigamente era mais difícil, pois era a cavalo e agora cada um tem o seu carro.
- 13) Não, pois tenho a esposa e filhos por perto.

O. R 72

- 1) Mais difícil, a pandemia e o custo de vida caro. E como eu com pouco estudo, não entendo essa modernidade de hoje, no meu tempo se aprendia a ler, escrever e a tabuada, para não ser enganado nas compras que precisaríamos fazer, e as moças da minha época aprendiam costurar, pois era o que as mulheres precisavam saber para serem boas donas de casa.
- 2) A minha melhor, pois eles só souberam trabalhar, as diversões eram poucas, a não ser futebol de campo e matinê aos domingos à tarde, quando aparecia alguém com gaita, senão era ir aos domingos de manhã na missa e de tarde na casa da avó se morava perto ou na madrinha.
- 3) Rádio a pilha.
- 4) As doenças daquela época eram a lepra, a varíola, a febre amarela.

5) Falta muito o uso de máscara, as pessoas não colaboram, mesmo sabendo que muitas pessoas estão morrendo e não temos ainda medicação para se tratar essa doença ou até a cura da mesma.

6) Totalmente diferente, embora que os nossos pais não tivessem estudo e muitos deles nem o nome sabiam assinar, a educação era tudo, ninguém dizia pro pai "você", porque sabia que ficava de castigo.

7) Mais mal na educação, porque as crianças aprendem muitas coisas antes do tempo e os pais nem sempre conseguem lhes dar a resposta correta, e em outras ajuda, porque as pesquisas podem ser feitas pela internet, ajuda para quem mora longe da escola, como as crianças que moram na colônia.

8) Quinta serie do antigo primário.

9) Melhor na minha época, pois aprendíamos em casa o respeito ao próximo, e na escola íamos para sermos alfabetizados e aprendermos a ser bons cidadãos e vivermos em comunidades de bem.

10) Nada, não temos, pois se tivesse não saberia usar e não sei se iria aprender a lidar.

11) Ninguém. Os filhos tem e se precisa alguma coisa da internet, eles me fazem, nem preciso perguntar, até pagamentos já me fizeram.

12) Antigamente porque era mais novo. Tanto a pé como de carroça se ia visitar, se conversava, ria, brincava.

13) Não porque tenho a família junto.

D. D.

1) Eu procuro me envolver com atividades comunitárias, lazer e cultivo amizades positivas.

2) Acho a minha, porque no tempo de meus pais não tinham atividades de grupo e lazer como agora. O trabalho deles é se ocupar com os netos.

3) Único meio de comunicação era um rádio, carregado com bateria.

- 4) Não lembro de eles comentarem.
- 5) Sim, os cuidados são suficientes. O povo que não tem responsabilidade e muitos não acreditam, acham que só os outros vão pegar a Covid-19.
- 6) No meu tempo os filhos tinham respeito aos pais e professores. Eles se contentavam com poucas coisas. Agora a tecnologia influencia os gastos. Antigamente construíam seus próprios brinquedos.
- 7) Os meios de comunicação nos deixam atualizados do que acontece no mundo atual. Mas, por outro lado terminou o diálogo na família. Tinha oração em família, conversas, piadas e boa convivência. As pessoas não sabem separar família x tecnologia. Não tiram o tempo para o diálogo.
- 8) Superior.
- 9) Agora eles têm mais acessos a tecnologia, laboratórios e internet para pesquisa. Tem mais oportunidades para aprofundar nos conhecimentos.
- 10) Procuo para aprofundar conhecimentos, mas não sou viciada.
- 11) Quem me ajuda é a minha filha e neta, quando encontro dificuldades.
- 12) As visitas eram melhores antigamente. Se visitavam e conversavam, etc. Agora cada um com o seu celular.
- 13) Sim, solidária, pois me sinto bem e gosto de estar em contato com as pessoas.

M. A. D. 71 anos

Quando pequeno, ia para a escola a pé, às vezes com um monte de amigos, e íamos rindo e papeando.

Não tínhamos bolsa família, cota para afrodescendentes e nem vale gás. Não tinha Google, nem celular. As pesquisas da escola eram feitas em bibliotecas da escola, usávamos a Barsa, Delta Larousse, Tesouro da Juventude, Google da nossa época, escritos à mão em papel almaço, se estivesse igual como no livro, estávamos ferrados. Na escola tinha: o gordo, o leitão, quatro olho, a branquela, tinha canela fina, anão, o

narigudo, a Olívia Palito, o cabeção, a sukita, porco da índia, chiclete e por aí vai. Todo mundo era 'zoadado', às vezes até brigávamos, mas logo estava tudo resolvido e seguia a amizade, era brincadeira e ninguém se queixava de bullying. Existia o valentão, mas também existia quem nos defendesse. Tinha o dia do flúor, dia da vacina. Nossas férias começavam em primeiro de dezembro e retornávamos em, pasmem, primeiro de março. Tínhamos férias de primeiro a trinta e um de julho.

Todos dias, antes de iniciar as aulas, cantávamos o Hino Nacional, com a mão no peito e com orgulho, e ai de quem cantasse errado, cruzasse os braços ou aplaudisse após cantar o hino. Cantávamos também o Hino da Independência, e Hino à Bandeira. Tinha o desfile de Sete de Setembro e a gente sempre querendo ser destaque.

O famoso "Ki suko" que com dez centavos comprávamos e era o único pó que conhecíamos. Fazíamos dois litros com um pacotinho e a língua ficava colorida por uns dois dias, tinha o chiclete ping pong e drops Dulcora. Época em que ser gordinho (a) era sinal de saúde e se fosse magro (a), tínhamos que tomar o Biotônico Fontoura. Quando não, a emulsão Scott, o óleo de fígado de bacalhau! A frase "perai mãe" era para ficar mais tempo brincando na rua e não no celular ou computador.

Colecionávamos figurinhas, papel de carta, boneca de papel. As brincadeiras eram saudáveis, brincávamos de bater figurinhas e não nos nossos professores. Jogávamos vôlei, futebol ou taco na rua, nossa aventura era tocar campainha e sair correndo. Na rua jogar bola, pique esconde, queimada, namoricos, pega-pega, pular corda, elástico, todo mundo brincava junto e como era bom. Bom não, era maravilhoso. Que saudades dessa época em que a chuva tinha cheiro de terra molhada!

Época em que nossa única dor era quando usávamos merthiolate nos machucados. Éramos felizes em comparação com esse mundo de hoje, onde tudo se torna "bullying" ou preconceito. Cheio de mimimi.

Nossos pais eram presentes, educação era em casa. Nada de chegar em casa com algo que não era nosso, desrespeitar alguém mais velho ou se meter em alguma conversa (somente um olhar bastava), e lá vinha o famoso e terrível em casa a gente conversa. E tínhamos hora para chegar em casa. Dez horas da noite e nem um minuto a mais.

Tínhamos que levantar para os mais velhos sentarem. Fico me perguntando, quando foi que tudo mudou e como os valores se perderam e inverteram dessa forma?